

DANIELA SILVA CARVALHO

MOBILIÁRIO MODERNO BRASILEIRO

**O DESIGN DOS MÓVEIS PROJETADOS E PRODUZIDOS NO BRASIL NO
SÉCULO XX**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO HISTÓRIA DA CULTURA E DA ARTE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROFESSOR: MAGNO MELLO

BELO HORIZONTE, 22 DE DEZEMBRO DE 2010

DANIELA SILVA CARVALHO

MOBILIÁRIO MODERNO BRASILEIRO

**O DESIGN DOS MÓVEIS PROJETADOS E PRODUZIDOS NO BRASIL NO
SÉCULO XX**

Artigo acadêmico de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Magno Mello.

BELO HORIZONTE, 22 DE DEZEMBRO DE 2010

“Um dia, quem sabe, nos sentaremos sobre cadeiras de ar sólido.”
Marcel Breuer

RESUMO

Neste artigo estão reunidos alguns aspectos da história do Mobiliário Moderno Brasileiro, passando pelas suas sucessivas transformações de gostos e tendências, desde a década de 20 até a década de 60, caracterizando o período Moderno no que concerne à Arte e Arquitetura.

É mostrada a fase de implantação do mobiliário brasileiro, a influência dos designers estrangeiros e a necessidade de se produzir um móvel expressivo e representativo de nossa cultura, onde são utilizados materiais nacionais que atendam a necessidade do público brasileiro.

É feita uma retrospectiva mostrando as características do mobiliário, em diferentes décadas, citando os artistas que mais se destacaram nesse período. Também é feita uma referência ao período Pós-moderno.

Palavras-chave: mobiliário, moderno, designers.

ABSTRACT

In this article we have gathered some aspects of the history of Brazilian Modern Furniture, through his successive changes in tastes and trends from the '20s to the '60s, featuring the Modern period in relation to Art and Architecture.

Shown is the deployment phase of Brazilian securities, the influence of foreign designers and the need to produce a mobile expressive and representative of our culture, which uses materials that meet the national need for the Brazilian public.

It is a retrospective showing the characteristics of the furniture, in different decades, citing the artists that stood out during this period. Also reference is made to the Post-modern.

Keywords: furniture, modern, designers.

INTRODUÇÃO

O século XX tem como característica a subversão do meio artístico, e com isso surge a pesquisa com novos materiais. Surge o conceito de que o homem Moderno precisaria estar cercado de objetos funcionais, a idéia de forma e função já era uma necessidade.¹

O Moderno está ligado à idéia de novo no sentido de pesquisa com novos materiais, a nova consciência da civilização contemporânea que vive cercada pela máquina em grandes centros urbanos.²

A necessidade de ruptura com o passado acelera os processos de elaboração artística. O homem Moderno é diferente do homem dos séculos anteriores, porque vive a era da indústria, do conhecimento científico e do pensamento voltado para a tecnologia. A busca da funcionalidade encontra formas e funções que se adaptam plenamente a uma estética que tenta questionar o mundo a partir do zero.³

O movimento modernista foi universal e influenciou significativamente o desenho de móveis no Brasil. A Bauhaus, escola Alemã fundada em 1919, foi de extrema importância na criação e expansão do conceito de design e incentivou a produção em série.

¹ AZEVEDO, Wilton. *O que é design*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 44.

² AZEVEDO, 1988. p. 44.

³ AZEVEDO, 1988. p. 45.

O MOVIMENTO MODERNISTA

O Modernismo não é um estilo, mas antes um movimento filosófico que promove uma ideologia clássica e humanista que pode ser aplicada ao design de mobiliário. Os princípios racionais do Modernismo são: a unificação do físico e do espiritual, a harmonia entre o funcionalismo e a estética, o internacionalismo conseguido através da abstração, que permite uma maior universalidade de sedução, inovação, moralidade social, autenticidade na utilização de materiais, construção evidente e a utilização responsável da tecnologia. O design, ou como lhe chamaram no pós-guerra, 'Good Design', é necessariamente uma tentativa modernista que tem pouco a ver com estilo, mas com tudo o que esteja ligado à percepção correta das necessidades sociais.⁴

Dentro do Modernismo, existem duas tendências distintas em relação ao design: a abstração geométrica e a abstração orgânica. A primeira foi largamente difundida pelos pioneiros do movimento modernista, com Marcel Breuer, Ludwig Mies van der Rohe e Le Corbusier. A segunda tendência nasceu nas obras de designers escandinavos do período anterior à Segunda Guerra Mundial, inicialmente influenciados pelo ensino de Kaare Klint, altura em que este era professor de design de mobiliário na Academia de Belas Artes, em Copenhague, nos anos 20. Diferenciando-se dos seus contemporâneos da Bauhaus, que incitavam os seus alunos a dissociar-se dos estilos anteriores, Klint acreditava que os alunos beneficiariam bastante se estudassem as artes decorativas do passado. Os modelos criados a partir deste método 'não revelam um desejo ardente pela novidade, mas uma reposição de soluções clássicas que combinam conforto e uma simplicidade dignificante'. Apesar de ambas as formas do Modernismo terem propósitos holísticos, o racionalismo orgânico busca inspiração no mundo natural, enquanto o racionalismo simétrico e retilíneo se baseia nos cânones clássicos de proporção e de geometria formal. Conquanto seja oriundo do estudo da anatomia humana, o formalismo geométrico é esteticamente idealizante, extremamente rígido e que, se for levado muito a sério, pode ser tido como desumano e obviamente alienante.⁵

⁴ FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. *Modern Chais*. Italy: Taschen, 2002. p. 12.

⁵ FIELL, 2002. p. 12.

A utilização de materiais inovadores tais como borracha, acrílico e resina de poliéster, e de uma tecnologia que era aplicada até então em outras partes da indústria, foram fundamentais para as mudanças que ocorreram no design de mobiliário.

Todo design é efêmero, o que pode parecer racional numa época, pode não ser tão racional em outra. À medida que as preocupações e necessidades de uma sociedade vão se alterando, nota-se que os projetos dos designers acompanham essa mudança.

A BAUHAUS

A escola Bauhaus foi fundada em 1919, na Alemanha, por Walter Gropius. Foi fechada, no começo da década de 30, pelos nazistas, logo após a 2ª Guerra Mundial. É impossível entender o que é design, sem saber o que foi a Bauhaus.

É na Bauhaus que a idéia de design começa a ficar clara. Nas bases de sua ideologia, a Bauhaus pregava a integração da produção artística com a industrial. Sua meta principal era desenvolver de uma vez por todas o que poderíamos chamar de design moderno. Um estilo de design que haveria de estar em constante contato com as relações do homem e seu espaço.⁶

A Bauhaus foi uma das primeiras escolas a ministrar aulas com a intenção de transformar o artesão em produtor industrial. Preocupou-se com que seus alunos experimentassem qualquer tipo de material, para que suas experiências pudessem levá-los à concepção de design. A arte era considerada uma ciência exata, sendo ministradas aos alunos disciplinas como geometria e matemática.

⁶ AZEVEDO, 1988. p. 27.

A produção em série era sua especialidade. Cadeiras de tubo de aço niquelado eram projetadas de maneira que a máquina pudesse executá-las em série. Um dos nomes que mais se destacaram no projeto de cadeiras foi Marcel Breuer.⁷

A Bauhaus criou uma consciência dentro da era industrial que foi de suma importância para a criação de um design moderno. Para entender isso, basta olhar durante alguns minutos os objetos que foram produzidos pela escola. Um design desprovido de ornamentos, sem correlação com estilos antes executados.⁸

Mesmo que os mecanismos industriais estivessem aptos a facilitar a fabricação do mobiliário modernista em série, é muito discutível se o público a quem esses modelos se dirigiam os teriam aceitado com grande entusiasmo. Os tubos de metal, por exemplo, ainda eram associados, de um modo geral, à indústria e, assim, não se coadunavam com as aspirações burguesas das classes trabalhadoras. Os modelos modernos da Bauhaus eram, não só demasiado vanguardistas para a produção industrial, como também muito avançados e esteticamente ousados para que pudessem ter grande acolhimento junto do público. A moralidade filosófica difundida pela Bauhaus, porém constituiu a base sólida sobre a qual o Modernismo iria se transformar num movimento internacional. Nos anos 30, muitos membros importantes da Bauhaus emigraram da Alemanha para os Estados da América passando pela Grã-Bretanha, espalhando a ideologia modernista e influenciando grandemente a geração seguinte de arquitetos e designers.⁹

É dela que surge a idéia de módulo, ou seja, estruturas modulares padrão que permitiam realizar o mesmo objeto em qualquer parte do mundo. Desenvolvendo um design que poderia ser produzido em série, internacionalmente, a própria Bauhaus já teria com isso criado a necessidade de impedir a escravização do homem pela máquina.¹⁰

⁷ AZEVEDO, 1988. p. 28.

⁸ AZEVEDO, 1988. p. 29.

⁹ FIELL, 2002. p. 23, 25.

¹⁰ AZEVEDO, 1988. p. 29.

A EVOLUÇÃO DO DESIGN DE MÓVEIS NO SÉCULO XX

O design brasileiro ligado ao mobiliário e objetos nasce a partir de um processo de importação, é uma assimilação de conceitos estéticos internacionais. Estavam em jogo os pensamentos europeu e americano, e era necessário que o Brasil também pensasse essa adaptação da funcionalidade em relação a uma ergonomia brasileira.¹¹

A transição de móvel de estilo eclético e acadêmico para o móvel moderno deu-se a partir dos anos 20-30. Nesse primeiro momento os conceitos e as posturas tiveram um caráter preponderantemente internacionalizante. As novas concepções acerca do móvel transformaram-se em senso comum num meio restrito de alguns profissionais da área de arquitetura e decoração.¹²

O móvel brasileiro produzido nesse período foi inovador, pois, introduziu novos materiais e processos produtivos, porém seguiu a evolução do mobiliário europeu repetindo a linguagem da Art-Déco, que utilizava linhas puras e a ausência do ornamento norteavam a concepção da mobília. O desenho era padronizado e os modelos eram repetidos.

Os anos 20 representaram uma época básica na história do móvel brasileiro, acarretando algumas conseqüências importantes para o desenvolvimento do desenho e produção de móveis, situando-se entre um passado acadêmico e as novas possibilidades que se abriram com a modernização.¹³

Na década de 30, o alargamento das práticas literárias e artísticas, transformou, aos poucos, em padrão o que era considerada manifestação de pequenos grupos de vanguarda. Assim, a arquitetura moderna foi cada vez mais aceita e difundida, até o momento em que os arquitetos mais conservadores começaram a seguir os padrões do que pouco antes eram objetos de riso e desprezo.

¹¹ AZEVEDO, 1988. p. 51.

¹² SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. *Móvel Moderno no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 39.

¹³ SANTOS, 1995. p. 43.

Um artista que se destacou neste período foi John Graz (1891-1980). Seus desenhos refletiam certa purificação nas formas, o que ele chamava de “móveis futuristas”, mas, ao mesmo tempo, apresentavam aspectos pesados que o filiaram ao movimento Art-Déco. Sua produção era executada artesanalmente, sob encomenda, exclusiva para uma elite privilegiada e utilizava até mesmo materiais importados: chapas de cobre, metal, couro e até madeira. Entretanto, o resultado final, em relação à arquitetura indicava uma nova direção para a modernização do interior. Sua produção abrangeu o período de 1925 a 1940.



Cadeira desenhada por John Graz e editada pela Casa Teperman

Continuando a análise da produção dessa época, que foi, sob muitos aspectos, um momento de ruptura, é preciso sublinhar a atuação decisiva de Gregori Warchavchik (1896-1972). O início de sua atividade no setor mobiliário foi marcado pelo atendimento à adequação de linguagem e funcionalidade entre sua arquitetura e o móvel. Assim, entre 1928 e 1933 desenvolveu uma completa linha de móveis abrangendo uma diversificada gama de tipos e modelos, todos eles executados segundo os princípios básicos da modernidade. Os principais materiais utilizados eram a madeira, principalmente a imbuia lustrada ou esmaltada em cores, os tubos de metal cromado, o couro, tecidos e veludos para estofamentos.¹⁴

¹⁴ SANTOS, 1995. p. 44.

Foto:http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1481

O momento decisivo em que a produção da mobília adquiriu as principais características de modernização, principalmente em nível de desenho foi, sem dúvida, o da introdução da arquitetura moderna no país, embora a produção ainda se mantivesse bastante artesanal.¹⁵

Apesar de a produção em massa do mobiliário moderno pela aplicação de novas tecnologia ter sido primeiro explorada pela Bauhaus, os verdadeiros fundadores do Movimento Moderno, como Ludwig Mies Van der Rohe e Marcel Breuer, ainda continuavam a ver o mobiliário como parte integrante de esquemas arquitetônicos unificados.¹⁶

É importante ressaltar a expressiva contribuição dos arquitetos. Mesmo que sua produção tenha sido em pequena escala e não comercializada em canais de vendas regulares. Posto que seus móveis atendiam a necessidade de seus projetos.

Muitos arquitetos acabaram fazendo móveis como extensão de sua própria arquitetura, como parte integrante de seus projetos. Nesse caso, possuem uma produção pontual, direcionada pela busca da unidade do espaço construído. Entretanto, alguns móveis de arquitetos acabaram adquirindo vida própria e entraram para o circuito comercial.¹⁷

No início da década de 40, não se observou grandes contribuições no desenho de móveis. Os modelos imitavam o que vinha da Europa e a mistura de estilos chegou a configurar certo mau gosto. Pautado por um ideal estético mais condizente com a época e com os materiais aqui disponíveis, alguns profissionais procuraram um caminho diferenciado, mesmo que ligado a esquemas culturais europeus, obtendo uma produção que conjugou o espírito moderno do despojamento e simplicidade ao uso de nossos materiais. Assegurando ao móvel produzido no Brasil uma qualidade universal, o que alterou de maneira significativa o mobiliário brasileiro.

¹⁵ SANTOS, 1995. p. 22.

¹⁶ FIELL, 2002. p. 23,25.

¹⁷ SANTOS, 1995. p. 51.

É importante frisar que sob esse clima, o mobiliário foi, gradativamente, sendo absorvido pela indústria, surgindo então, no sentido específico da palavra, nossos primeiros designers, embora ainda, em sua grande maioria, profissionais estrangeiros que se radicaram no Brasil logo após a guerra.¹⁸

A origem da modernização do móvel brasileiro dependeu da atuação de profissionais estrangeiros, mas na prática, o Movimento Moderno era isento de nacionalismo e apresentou caráter internacional.

Após a Segunda Grande Guerra, o móvel passa a apresentar características mais brasileiras, porém ainda era influenciado pelo Movimento Moderno. A modernização do mobiliário importou e assimilou idéias e conceitos, enriquecendo-se com elementos nacionais: os tecidos, as fibras naturais e outros materiais da terra.

Na procura de uma maior unidade do design, os arquitetos criaram historicamente o mobiliário para interiores específicos dentro dos seus edifícios. Apesar de já ter sido considerado como subordinado da arquitetura, o design de mobiliário, tornou-se uma disciplina separada quando a sua fabricação foi transferida do domínio do artesão para o do processo industrial. Esta mudança no método de produção requeria uma aproximação profissional ao design. Os arquitetos, com seus conhecimentos técnicos, estavam especialmente bem preparados para desenvolver novos produtos de mobiliário que fossem funcionais e esteticamente agradáveis dentro dos limites da tecnologia moderna manufaturada. O design de mobiliário atraía os arquitetos, pois, através dele, mais facilmente do que com a arquitetura, podiam exprimir a sua filosofia de design a três dimensões.¹⁹

Durante muitos anos, o móvel foi considerado como um gênero menor da produção artística e foi a partir da Arquitetura Moderna, que o móvel passa a ser visto como elemento essencial no projeto arquitetônico, tendo a mesma importância deste.

¹⁸ SANTOS, 1995. p. 82.

¹⁹ FIELL, 2002. p. 9.

O designer mais representativo desse período foi Joaquim Tenreiro (1906-1992), devido a sua obra de alta qualidade e por nos remeter as tradições portuguesas, pelo uso corriqueiro e elegante dos jacarandás e da palhinha. Sua obra revela proximidade com a madeira, onde nota-se textura da fibra, organicidade e jogo de volumes. Suas realizações, no que diz respeito ao desenho de móveis, compreendem duas fases distintas: de 1931 a 1942, produzindo móveis de estilo; e de 1942 a 1969, quando pôs em prática sua concepção de móvel moderno.



Móveis feitos em madeira e com uma linguagem contemporânea eram a base do trabalho de Joaquim Tenreiro, o "pai" do mobiliário moderno no Brasil

É importante, sobretudo, destacar que essa produção inicial de Tenreiro, o anseio profundo de renovar a linguagem do móvel no Brasil, garantiu o alicerce para a busca de novas especulações do móvel moderno que se sucederam a partir de então. Se, por um lado, o mobiliário de Tenreiro funcionou quase como um manifesto em favor do estilo moderno, por outro lado, em relação ao modo de produção, é preciso lembrar que era ainda completamente artesanal, em que o protótipo tinha uma tiragem mínima e, muitas vezes, ficava no exemplar único, por questões de compromisso com o cliente.²⁰

²⁰ SANTOS, 1995. p. 85.

Foto: <http://www.google.com.br/>

A renovação do desenho, iniciada por Tenreiro, trouxe maior leveza ao móvel. Mas do ponto de vista dos materiais, as peças ainda eram concebidas na lógica das madeiras de lei, principalmente o jacarandá, tradicionalmente presente na casa brasileira abastada dos períodos anteriores. Por isso, não bastava renovar o desenho, era preciso ir além.²¹

Foi nesse período da evolução do móvel moderno brasileiro que se acentuou a busca dos materiais rústicos, as fibras de caroá, cânhamo, etc., que nos remetem diretamente aos valores da terra. Um dos autores cuja obra apontou nessa direção foi Bernard Rudofsky (1905-1988), arquiteto austríaco que viveu em São Paulo cerca de 4 anos, durante a guerra.²²

Em sua produção de mobília destacou-se sobremaneira a preocupação com o uso das fibras naturais brasileiras, a juta, o caroá, o cânhamo, o sisal, etc., precedendo de forma pioneira as tendências de uso de materiais nativos, que foram a tônica da produção de designers em fins dos anos 40, principalmente na obra de Lina Bo Bardi. Com tecidos de fibras nacionais, Rudofsky combinou o uso de metais galvanizados e pintados, obtendo como resultado peças leves, dentro de uma nova visão artística do mobiliário e, ao mesmo tempo, portadoras de um caráter brasileiro, pelo uso dos materiais.²³

A obra de Rudofsky representou uma etapa importante no processo de modernização do móvel no Brasil, tendo dado um passo decisivo na incorporação de materiais não usuais na produção do móvel.

Outro nome de destaque no desenho de mobiliário brasileiro é o da designer e arquiteta italiana Lina Bo Bardi (1914-1992). Sua obra definiu novos padrões de gosto e é considerada um ponto de referência no que diz respeito à introdução de novos materiais, principalmente, a madeira compensada recortada em folhas paralelas. Até então, imperava no país o uso da madeira maciça.

²¹ SANTOS, 1995. p. 91.

²² SANTOS, 1995. p. 92.

²³ SANTOS, 1995. p. 92.

Em 1947, Lina desenhou sua primeira obra de grande repercussão para o desenvolvimento da mobília moderna brasileira: a cadeira do auditório da primeira instalação do Museu de Arte de São Paulo, dobrável e empilhável, em couro e madeira.²⁴



Cadeira de auditório para o MASP por Lina Bo Bardi

O decênio de 50 foi marcado por uma crescente euforia desenvolvimentista, cuja tônica principal foi a confiança no futuro. As cidades se transformaram: sofreram um vertiginoso processo de verticalização e um grande surto de crescimento urbano. Houve um esforço de expansão industrial, baseado fundamentalmente, na substituição de importações, o que não gerou níveis de desenvolvimento relevantes para o país, mas aumentou nossa dependência com relação aos países centrais.²⁵

A rápida industrialização vivida pelo Brasil e a intensificação dos meios de comunicação de massa foram fatores que, conjugados, contribuíram para difundir o móvel moderno, o uso dos novos materiais, a aceitação de novas formas, padrões e tendências na decoração de interiores.

²⁴ SANTOS, 1995. p. 95.

²⁵ SANTOS, 1995. p. 103.

Foto: http://www.artemobilia.com.br/?cont=pecas_vendidas

Se, por um lado, os princípios da modernização do móvel já estavam presentes e assentados, as circunstâncias históricas brasileiras nos anos 50 configuraram as condições necessárias ao desenvolvimento das principais experiências de industrialização da mobília. Chegava entre nós a produção em série. O forte vínculo que se estabeleceu entre arte concreta e desenho industrial provocou repercussões sobre os rumos do desenho da mobília brasileira produzida na década de 50.

Empresas como a Fábrica de Móveis Z, Zanine, Pontes & Cia. Ltda., de São José dos Campos, cujo principal designer foi José Zanine Caldas (1919-2001), e, a Móveis Branco & Preto, de São Paulo, foram responsáveis pelo início da produção em série do móvel moderno no Brasil. Saímos do estágio do artesanato, do móvel único e modelos exclusivos para a produção em série; com comercialização através de canais de vendas mais populares. O que foi fundamental para a legitimação e difusão do desenho de mobiliário moderno.

José Zanine Caldas acreditou intensamente nas possibilidades de industrialização dos anos 50 e passou a explorar as potencialidades da indústria no setor do mobiliário. Até então, o móvel era produzido artesanalmente e, com a industrialização, ele conseguiu baratear o custo.

Os móveis Z eram quase que completamente industrializados: a produção era mecanizada, a fábrica dispunha de bom equipamento, e somente as tarefas de montagem requeriam a participação de operários, porém não era mão-de-obra especializada. A produção sempre foi orientada pelos princípios de modulação e pelo aproveitamento completo das chapas de compensado, através de um planteamento especial da madeira, produzindo elementos componíveis que iam sendo estocados e montados de acordo com a solicitação comercial. As preocupações com a modulação e com esse tipo de aproveitamento integral da chapa surgiram dentro de critérios de maximização do aproveitamento dos materiais. (...) Também os problemas de estofamentos foram devidamente racionalizados, de modo a evitar a dependência de tapeceiros especializados: era um estofamento fino, os móveis eram forrados com um tecido sem costura, em geral lona ou lonita listrada

e materiais plásticos brilhantes, pregados, por baixo, com tachinhas e, por cima, com uma placa de compensado para dar um certo acabamento.²⁶



Namoradeira



Mesa em tora de angelim

Móveis criados por José Zanine Caldas

Por se tratar de um móvel despojado, bem executado e facilmente acessível, através das grandes lojas e magazines, a classe média foi quem mais consumiu esse produto.

A década de 50 marcou um momento de euforia desenvolvimentista no Brasil, refletindo de forma acentuada na escolha dos móveis. Porém, uma parcela significativa do mercado, ainda seguia os padrões clássicos, o moderno sóbrio; seguindo as tendências de Joaquim Tenreiro.

A produção da Móveis Branco & Preto, apesar dos moldes artesanais, foi uma experiência importante para a difusão do mobiliário brasileiro. Sua produção com móveis de linhas delgadas, sóbrio e de formas muito bem definidas, contrastava com a mobília de Zanine. Sua proposta era o desenvolvimento de uma linha contemporânea, mais ligada às intenções e necessidades do arquiteto.

²⁶ SANTOS, 1995. p. 107.

Foto: <http://www.google.com.br/>

O Branco & Preto foi um marco na história do mobiliário paulista, comercializando móveis de desenho moderno e usando materiais inusitados para a época, como a madeira laminada, o ferro soldado, o plástico. O que caracterizou as peças concebidas pela Branco & Preto foi a interpretação do moderno pelo espírito da lógica despojada e pura, distinguindo-se, antes de mais nada, pela leveza do aspecto.²⁷

A década de 60 foi um dos períodos mais expressivos da história do desenho industrial de móveis no Brasil e, reflete um pouco do ritmo intenso do processo cultural brasileiro, em sua vivacidade e inquietações.

Observa-se maior ênfase na utilização de materiais brasileiros e maior preocupação com as formas do móvel. A produção em série visava atender a um consumidor mais popular. O que acarretou na criação de um “estilo nacional”. Produziu-se um móvel com formas originais, mais condizentes com nossas condições e expressivo do caráter brasileiro. Foi iniciada uma série de experiências de desenho e execuções semi-industrial e industrial. Que, configurou uma maturidade significativa e colocou o móvel brasileiro em destaque no panorama internacional.

O arquiteto e designer Sérgio Roberto dos Santos Rodrigues (1927) foi um homem de vanguarda, cuja produção, em meados dos anos 50, antecipou as principais propostas do nacionalismo do móvel. Ele foi o designer brasileiro que mais se comprometeu com os valores da terra, tendo se arraigado definitivamente a formas e padrões da nossa cultura.

O desejo de conceber um móvel que expressasse a identidade nacional levou Sérgio a desenhar uma de suas mais importantes obras: a Poltrona Mole. Essa peça deixou de lado os delgados e elegantes pés-palito e apresentou a grossura e robustez da madeira brasileira.

²⁷ SANTOS, 1995. p. 111.



Um dos produtos mais conhecidos de Sérgio Rodrigues, a Poltrona Mole, de 1957, recebeu o primeiro prêmio no Concurso Internacional do Móvel em Cantù, Itália, em 1961.

A Poltrona Mole foi projetada para permitir o máximo de conforto e repouso. Toda a sua estrutura é de jacarandá maciço, torneado em forma de fuso, e os encaixes são manuais, percintas em couro natural reguláveis e almofadões executados em atanado fino.²⁸

MOBILIÁRIO PÓS-MODERNO

Praticamente ao longo de todo este século, a tendência da produção da maior parte do mobiliário doméstico tem estado bastante afastada da oficina e mais próxima da fábrica. Contudo, com a contínua diversificação dos mercados, começamos a assistir ao inverter dessa tendência. De modo a adaptar-se à crescente procura de maior individualidade, os grandes fabricantes produzem, atualmente, edições limitadas e em pequena série de modelos de cadeiras não clássicos, utilizando muitas vezes, métodos tradicionais de uma produção para um mercado doméstico, enquanto concentram os seus investimentos de pesquisa e de desenvolvimento no setor mais vasto e lucrativo do equipamento de escritórios. A apresentação do sistema revolucionário de Herman Miller em *Action Office II*, em 1968, representa um dos marcos mais importantes a partir do qual se pode constatar uma grande divergência entre os mercados doméstico e de escritório. Antes desta data, uma grande percentagem de cadeiras e de outro mobiliário haviam sido concebidos como multifuncionais, conseguindo satisfazer ao mesmo tempo, em muitos casos, os dois tipos de mercado.²⁹

²⁸ SANTOS, 1995. p. 128.

²⁹ FIELL, 2002. p. 15.

Nos anos 70 e 80, o móvel moderno atingiu uma escala de produção massiva. O mercado apresentou grande variedade de opções, qualitativa e quantitativamente diferenciadas. A produção é eclética e apresenta várias vertentes: o móvel de autor, assinado, com canais de venda e faixa de clientela próprios; o móvel de massa, que inundou o mercado para consumo popular, sem preocupações com o design; o móvel reciclado, um certo revival da mobília do passado, em que cópias e obras verdadeiras coexistem em antiquários e lojas de móveis usados, em geral. Além disso, devemos salientar uma categoria de móveis que cresceu significativamente no mercado dos anos 70, embora tenha sofrido certo desaquecimento na década de 80: os móveis institucionais, destinados principalmente a escritórios, lugares públicos, bibliotecas, auditórios, museus e hospitais. Em termos de mobília institucional, os anos 80 foram muito pouco produtivos, comparativamente ao decênio anterior, quando nosso móvel era comparável, em nível de tecnologia e de design, ao móvel europeu.³⁰

Na década de 90 e no século XXI, nota-se uma preocupação com o meio ambiente. A madeira maciça não é mais largamente utilizada na indústria moveleira, sendo substituída por aglomerados, compensados de madeira e MDF. Sentindo a mudança de conceitos da sociedade brasileira, várias indústrias a fim de difundir a imagem de serem ecologicamente corretas, fazem seu marketing em torno da utilização de madeiras de reflorestamento e do reaproveitamento de materiais tais como: bisnagas de pasta de dente, borracha, garrafas pet, madeiras de demolição, papel reciclado, pneu usado, vidro, etc.



Móveis de pneus reciclados

³⁰ SANTOS, 1995. p. 155.

A moda agora é reciclar, muitos desses materiais já foram utilizados em outro momento, normalmente, com outra função. Mas a conscientização do homem do terceiro milênio em preservar o planeta, fez com que se pensasse na reciclagem de materiais, visando o princípio da sustentabilidade ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dividir a história do móvel moderno no Brasil em duas fases: antes e depois de 1930. Antes da década de 30, o que imperou foi a cópia dos velhos estilos; misturavam-se aos estilos Luís, Maria e João, dos séculos XVII, XVIII e XIX, o Colonial Brasileiro, o Barroco, o Inglês, entre outros. A partir dos anos 30, com o desejo de modernização geral do país e a emergência da arquitetura moderna, percebe-se a ruptura com o passado e a opção de se fazer uma arte revolucionária.

A interrupção das importações, devido à guerra, associada à migração de artistas, artesãos e arquitetos europeus foi fundamental para produção do móvel nacional. Esses artistas, assim como os arquitetos e designers brasileiros, se espelhavam nos modelos europeus, porém, tinham a preocupação em produzir móveis com características nacionais, adequando-se às nossas condições de produção, materiais e particularidades climáticas.

A realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo em 1922, foi fundamental para a modernização da cultura e abertura definitiva do país para o século XX. Mas apesar dos ideais nacionalistas, o movimento modernista não fez nenhuma espécie de restrição ao trabalho dos estrangeiros que aqui se estabeleceram.

O móvel produzido no Brasil é resultado de várias tendências, que se difundiram através de feiras e da mídia. O amadurecimento da indústria moveleira permitiu que as necessidades do nosso mercado fossem atendidas e capaz de satisfazer um público cada vez mais numeroso, oferecendo um móvel executado dentro de nossas condições econômicas, sociais e industriais.